

**UFF**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**Nome do Curso: ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA  
Nível: PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU**

**PROVA DE ACESSO – 2019/1**

Leia o texto abaixo para responder às questões 1, 2 e 3.

**Texto 1**

**DIMINUTIVOS**

Sempre pensei que ninguém batia o brasileiro no uso do diminutivo, essa nossa mania de reduzir tudo à mesma dimensão, seja um cafezinho, um cineminha ou uma vidinha. Só o que varia é a inflexão da voz. Se alguém diz, por exemplo, “Ó vidinha!”. Você sabe que ele está se referindo a uma vida com todas as mordomias. Nem é uma vida, é um comercial de cigarro com longa metragem. Um vidão. Mas se disser “Ah vidinha...” o coitado está se queixando dela e com toda a razão. Há anos que o seu único divertimento é tirar sapatos e fazer xixi. Mas nos dois casos o diminutivo é usado com o mesmo carinho.

O francês tem o seu *tout petit peu*, que não é um diminutivo, é um exagero. Um “pouco todo pequeno” é muita explicação para tão pouco. Os mexicanos usam o *poco*, o *poquito* e – menos ainda do que o *poquito* – o *poquetim!* Mas ninguém bate o brasileiro.

Era o que eu pensava até o dia, na Itália, em que ouvi alguém dizer que alguma coisa duraria um *mezzoretto*. Não sei se a grafia é essa mesma, mas um povo que consegue, numa palavra, reduzir uma meia hora de tamanho – e você não tem nenhuma dúvida de que um *mezzoretto* dura os mesmos 30 minutos de uma meia hora convencional, mas passa muito mais depressa – é invencível em matéria de diminutivo.

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais.

Operação, por exemplo. É uma palavra assustadora. Pior do que intervenção cirúrgica, porque promete uma intromissão muito mais radical nos intestinos. Uma operação certamente durará horas e os resultados são incertos. Suas chances de sobreviver a uma operação... sei não. Melhor se preparar para o pior.

Já uma operaçãozinha é mera formalidade. Anestesia local e duas aspirinas depois. Uma coisa tão banal que quase dispensa a presença do paciente.

- Alô, doutor? Olha, aquele meu quisto no braço direito que nós íamos tirar hoje? A operaçãozinha?

- Sim.

- Não vou poder ir, mas o Asdrúbal vai no meu lugar.

- O Asdúbral?

- Meu assistente direto aqui na firma. Homem de confiança.

- Mas ele vai fazer a operaçãozinha por você?

- Ele é meu braço direito, doutor.

Se alguém disser que precisa ter uma conversa com você, cuidado. É coisa da maior importância. Os próprios destinos do Pacto do Atlântico podem estar em jogo. Uma conversa é sempre com hora marcada.

Já uma conversinha raramente passa do nível da mais cândida inconsequência. E geralmente é fofoca. A hora para uma conversinha é sempre qualquer hora dessas.

Num jogo você arrisca tudo, até a hora. Num joguinho aceita-se até o cheque frio.

Entre ter um caso e ter um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia passional.

No Brasil, usa-se o diminutivo principalmente com relação à comida. Nada nos desperta sentimentos tão carinhosos quanto uma boa comidinha.

- Mais um feijãozinho?

O feijãozinho passou dois dias borbulhando num daqueles caldeirões de antropófagos com capacidade para três missionários. Leva porcos inteiros, todos os miúdos e temperos conhecidos e, parece, um missionário. Mas a dona da casa o trata como um mingau de todos os dias.

- Mais um feijãozinho?

- Um pouquinho.

- E uma farofinha?

- Ao lado do arrozinho?

- Isso.

- E quem sabe uma cervejinha?

- Obrigadinho.

O diminutivo é também uma forma de disfarçar o nosso entusiasmo pelas grandes porções. E tem um efeito psicológico inegável. Você pode passar horas tomando cervejinha em cima de cervejinha sem nenhum dos efeitos que sofreria depois de apenas duas cervejas.

- E agora, um docinho.

E surge um tacho de ambrosia que é um porta-aviões.

(Luís Fernando Veríssimo. *Diminutivos*. Comédia da Vida Privada. 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: LP&M, 1994).

### Questão 1

Releia os seguintes trechos do texto de Veríssimo e responda:

- I- “Operação, por exemplo. É uma palavra assustadora. [...] Já uma operaçãozinha é mera formalidade.”
- II- “Entre ter um caso e ter um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia passional.”
- III- “\_ Mais um feijãozinho?  
\_ Um pouquinho.”

- (a) Nos trechos acima, pode-se dizer que o diminutivo não indica a noção de dimensão. Explique os valores que o diminutivo assume, descrevendo os efeitos de sentido que produz nos exemplos.
- (b) Considerando a sua estrutura, descreva como o diminutivo é formado.

## Questão 2

Releia o seguinte trecho do texto para responder à questão:

“Sempre alguém diz, por exemplo, ‘Ó vidinha!’. **Você sabe que ele está se referindo a uma vida com todas as mordomias. Nem é uma vida, é um comercial de cigarro com longa metragem.** Um vidão. Mas se disser ‘Ah vidinha...’, o coitado está se queixando dela e com toda razão. Há anos que o seu único divertimento é tirar os sapatos e fazer xixi. Mas nos dois casos o diminutivo é usado com o mesmo carinho”.

No trecho, há dois períodos compostos destacados, cujas orações se relacionam por processos distintos. Explique por que esses processos são diferentes e classifique as orações presentes nos dois períodos.

## Questão 3

Sabendo que as línguas não são fenômenos estáticos e variam no tempo, no espaço, entre grupos sociais e a partir de situações diferentes, responda:

No texto 1, evidencia-se uma variação linguística. Identifique-a, fazendo um comentário.

Leia os textos 2 e 3 para responder à questão 4:

### Texto 2

#### **Circuito Fechado (Ricardo Ramos)**

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme de cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforo. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada (...)

KOCH, I. V; TRAVAGLIA, L. C. *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

### Texto 3

Meu filho não estuda nesta Universidade. Ele não sabe que a primeira Universidade do mundo românico foi a de Bolonha. Esta Universidade possui imensos viveiros de plantas. A Universidade possui um laboratório de línguas.

FÁVERO, L. L. “Coesão e coerência textuais”. São Paulo: Ática, 2004.

#### Questão 4

A Linguística de Texto reconhece oito diferentes fatores de textualidade, a saber: coesão, coerência, intertextualidade, situacionalidade, intencionalidade, aceitabilidade, focalização e informatividade. No entanto, como sabemos, normalmente se dá muito mais ênfase aos dois primeiros, sob a crença de que todo texto, por ser uma unidade de sentido, deve apresentar coesão e coerência. Hoje, sabemos que esta última afirmação é parcialmente falsa, na medida em que existem textos sem coesão, mas não sem coerência. Explique por quê. Em sua resposta, faça alusão aos textos 2 e 3.